

Bracher volta de Nova Iorque sem concluir negociação com credores

Brasília — O presidente do Banco Central, Fernão Bracher, retornou, ontem, a Brasília, procedente de Nova Iorque, demonstrando otimismo quanto à possibilidade de redução das taxas de risco os **spreads** para a **rolagem** da dívida externa brasileira. Bracher não quis adiantar até quanto poderão chegar os banqueiros internacionais, que no início das negociações, exigiam do Brasil taxas não inferiores a 2%.

Até agora, foi prorrogado o acordo de créditos interbancários e linhas comerciais — serão prorrogados até março. A dívida principal do ano passado, de 8 bilhões de dólares será, reescalada no contrato a ser assinado até março, com vencimento final em sete anos e carência de cinco anos. O referente à dívida que vence em 1986, no valor de 12 bilhões 800 milhões de dólares será depositada em cruzeiros no Banco Central.

Segundo técnicos do Banco Central, vários fatores entrarão nas negociações para a redução das taxas de **spread**. Entre eles, está uma exi-

gência dos banqueiros credores, que o Brasil pode atender, de serem enviados recibos de Imposto de Renda sobre o depósito de 12 bilhões 800 milhões, feito no Banco Central, correspondente à dívida que vence este ano. Os credores querem estes recibos do Brasil para que possam abatê-los em suas declarações de Imposto de Renda nos EUA.

Outra possibilidade é de um acordo em torno das taxas de juros cobradas pelos banqueiros norte-americanos para reinvestirem recursos aqui, ou seja, fazerem um reempréstimo. Esta operação, conhecida como **relending**, é uma velha reivindicação brasileira: o Brasil não quer continuar pagando taxas de juros sobre este reinvestimento, mas pode, nestas negociações, acertar uma redução.

Bracher admite que o Brasil conseguiu uma grande vitória nesta primeira rodada de negociações. Foi o fato de, pela primeira vez, ter obtido um "horizonte para a dívida", ou

seja, a prorrogação por um ano dos créditos interbancários e das linhas comerciais que venceram a 17 de janeiro.

"Não há nenhum trunfo", disse Bracher, ontem, depois da cansativa e tensa rodada de negociações no fim de semana com o comitê de credores. "Nós temos estabelecido condições de trabalho para a normalização de nossa posição externa", concluiu. Embora Bracher se recuse a tecer comentários sobre a redução dos **spreads**, este é o ponto considerado primordial nas negociações com os banqueiros.

Nova rodada de negociações deverá ser iniciada na segunda-feira da próxima semana, dia 27, desta vez sob o comando do diretor responsável pela dívida externa, Antônio de Pádua Seixas, que orientará uma equipe do Banco Central para a discussão das questões do **pacote**. Bracher deverá permanecer no Brasil, mantendo contato constante com sua equipe, em Nova Iorque.